

JOAQUIM SAPINHO

Os verdes anos

RODRIGUES DA SILVA

«Corte de Cabelo» antestrea-se hoje, dia 28, no Tivoli, e estreia no dia 1, numa dezena de salas do País. O «JL» já viu o filme e gostou (ver crítica na página 30) e entrevista aqui o realizador, Joaquim Sapinho, que assim se estreia no cinema, aos 30 anos de idade. Mais dez que as personagens do seu filme, que ele gostaria fosse visto como «um sinal». Um sinal de uma certa Lisboa de hoje. Ou das «muitas Lisboas escondidas», seus «muitos terremotos diários»...

A

té há pouco quase nada se sabia de Joaquim Sapinho: que tinha feito para a televisão «Júlio Sarmento, Artista Plástico», que era professor de Teoria da Montagem na Escola de

Cinema. Depois, eis o seu primeiro filme catapultado para os festivais internacionais, estreado mundialmente no de Locarno, premiado no de Angers (melhor realização) e no de Genève (melhor actriz — Carla Bolito). Agora «Corte de Cabelo» aí está. E o seu autor, aqui, revelando-se ao «JL» nesta entrevista.

«Jornal de Letras» — Estreias-te no cinema logo com uma longa-metragem. Nunca tentaste a curta-metragem?

Joaquim Sapinho — Não. Acho que não conseguia fazê-las. O cinema exige tempo, não basta pôr duas ou três imagens juntas para se conseguir o fluir. Sem uma hora é tal não se chega a conseguir essa substituição do mundo, que é o cinema.

«JL» — Nunca foste assistente de realização?

J.S. — Também não. Não quis. O desejo de fazer cinema é mais importante que a técnica.

«JL» — Como é que surge a ideia de «Corte de Cabelo»?

J.S. — Na história, a rapariga sabe que o noivo gosta muito do cabelo dela mas decide cortá-lo antes de se ir casar. É isso que despoleta os problemas do filme. Poder-se-ia pensar, então, que os problemas do filme são problemas que ela criou. Mas não: é como se ela quisesse resolver todos os problemas de uma vez. Para ser feliz para sempre. É uma utopia, mas, se calhar, é o que ela queria: ser feliz para sempre.

«JL» — O filme enraíza em Lisboa. Que esperas do público português?

J.S. — A realidade é uma coisa impressionante. Filmámos uma cena com *skinheads* no Bairro Alto e, depois, no mesmo local, viria a acontecer uma cena real semelhante. E estes



JOAQUIM SAPINHO: «AS CIDADES TÊM MUITO A VER COM PERCURSOS DE AFECTOS»

três miúdos que se suicidaram do Viaduto Duarte Pacheco...

«JL» — Podiam ser os do teu filme. Aliás, no final, sabemos lá nós o destino deles. Podemos pensar que um dia lhes acontece o mesmo.

J.S. — Exactamente. E morrer é só dar um passo. Quando fizemos os testes aos actores eu ia falando com eles e reescrevendo o argumento, por isso tenho mesmo a sensação que o filme pertence a este mundo. A Lisboa, a estas pessoas, aos seus sentimentos. Não é apenas um retrato. É também um sinal. Espero que seja também uma síntese, mas acho importante

que seja um sinal. Isto de nós filmarmos coisas que, um ano depois, acontecem faz-me muita impressão. A relação com o espectador talvez passe por aí, por esse lado visionário, mas visionário para atingir a realidade.

ARRANCAR A ALMA AOS ACTORES

«JL» — Como correu a rodagem?

J.S. — Muito mal. Demorou muito tempo, dois meses e meio seguidos e ainda mais uma semana. As coisas, às vezes, não saíam bem e era preciso repetir. O filme ficou em cerca de 120 mil contos, mas poupámos muito nos *dé-cors*, em guarda-roupa, em actores famosos. Para poder gastar... em cinema, em película.

«JL» — Como conseguiste de actores estreates um tão bom nível de interpretação?

J.S. — Repetindo muitas vezes e não facilitando. A questão não era ser amigo deles, era arrancar-lhes a alma.

«JL» — Lisboa (tudo menos turística) é também personagem do filme.

J.S. — As cidades têm muito a ver com percursos de afectos. Tens uma namorada de um sítio, se passas a ter outra, passas a conhecer outra Lisboa completamente diferente. Este filme talvez tenha algo a ver com isso: com uma Lisboa de um momento da minha vida.

«JL» — OK, mas filmares o subsolo é um achado.

J.S. — É como se já tivéssemos interiorizado que não há nada perfeito e completo. E, se metade da cidade está sempre em obras, eu queria dar isso, esse lado desestabilizado que é um tanto o das personagens, em convulsão. É como se o terremoto em que Lisboa está fosse o terremoto das personagens. Portugal está assim por necessidade de crescimento económico, de adaptação à Europa. Mas todo esse desequilíbrio baralha-nos. Sente-se ao nível do solo.

«JL» — E do subsolo. Aliás as personagens têm suportes frágeis: o vídeo, o shopping...

J.S. — A vida agora é assim. Tantos avanços da ciência e é tão fácil morrer. Eu não sabia, mas há três mil sem abrigo em Lisboa... Há muitas Lisboas escondidas e muitos terremotos diários. Temos que estar atentos. Não podemos ver Lisboa como se fôssemos turistas. Temos que a ver por dentro, não em planos gerais. Ver uma entrada numa loja, uma cara, uma sombra. Estamos dentro do nosso próprio contexto, e uma visão próxima nunca pode ser em plano geral.

JÁ NÃO SE VIVE DE FELICIDADES ETERNAS

«JL» — No filme os protagonistas tão depressa estão no desatino total como numa harmonia perfeita. Um pequeno nada faz a diferença.

J.S. — Já não se vive de felicidades eternas, mas de pequenos milagres do dia-a-dia. Qualquer coisa que corra bem já nos dá para uma semana.

«JL» — Estiveste atento ao racismo.

J.S. — Lisboa é o resto do império, com muitas raças. Acho muito bonito esse lado imperial de Lisboa. Mais do que cosmopolita, é quase uma «cosmopolis». Como se fosse uma representação do Brasil e das Áfricas e das Ásias que estiveram ligadas a nós. Gosto de sentir isso em Lisboa e também no filme. Claro que há conflitos dramáticos, mas não podemos esquecê-los. A vida também é feita deles.

«JL» — O ritmo do filme é o ritmo do viver das personagens.

J.S. — O filme tem dois anos de argumento. Teve muitas versões e refi-lo aquando dos testes aos actores. Esse grande trabalho visionário (de ver um filme que ainda não existe) permitiu-me na rodagem não ter que seguir o argumento mas o que estava a acontecer.

«JL» — Com referências ao vídeo, à publicidade...

J.S. — A realidade já inclui as imagens. Elas não são só retrato da realidade, fazem parte dela. Se queres filmar as pessoas, os afectos e os milagres, tens que estar atento aos anúncios do Metro, aos esquemas de vigilância espalhados pela cidade, a todos esses elementos totalitários do dia-a-dia. Não é escamoteando-os que podemos resistir-lhes.

«JL» — Se, no cinema português, tivesses que encontrar uma genealogia para o teu filme diria «Os Verdes Anos», do Paulo Rocha. «Corte de Cabelo» pode mesmo ser a versão anos 90 do filme dele.

J.S. — Eu gosto muito de «Os Verdes Anos» e acho que sim. Mas o filme tem mais a ver com uma emoção e com uma moral trágica do Paulo do que com uma qualquer descendência estética. O que gosto no Paulo é ter filmado «Os Verdes Anos» e «Mudar de Vida», que eram coisas que conhecia, e de ter posto lá os fantasmas dele. Gosto também muito do Oliveira e de «Gestos e Fragmentos», do Seixas Santos, uma obra-prima absoluta. Enquanto Eisenstein põe um actor a fazer de Lenine, Seixas põe o Oteló a fazer de Oteló. É um limite do cinema revolucionário. Não é por acaso que a revolução é em Portugal que acaba e que «Gestos e Fragmentos» é o último filme revolucionário. Quando falo de cineastas que gosto não é por ser descendente. É mais por posição em relação ao que acontece no mundo. E como reagir.

«JL» — Que vais fazer a seguir?

J.S. — Outro filme. Podia-se chamar «Aqui e Agora». Mas daqui a um ano não sei se ainda se chamará assim. Sei é que será produzido pela Rosa Filmes, porque a Rosa Filmes sou eu mais uma série de pessoas que lá trabalham, o que me dá uma grande autonomia. Posso optar por onde gastar o dinheiro: em actores ou em película.

«JL» — Contas ter mais dinheiro?

J.S. — Não sei. Os filmes fazem-se em função do dinheiro que se tem.